

# CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DO DISCURSO ORAL

Este texto com base numa exposição oral para um Seminário interno do IPED, tem como objectivos:

Apresentação de características do discurso oral, na sua relação com o discurso escrito sem tentar, no entanto, entrar em especificidade do discurso audio, tema de outra intervenção.

Sensibilização à aplicação pedagógica em ensino a distância, de uma investigação sobre o discurso oral ( análise morfo-sintática ) desenvolvida pela autora, segundo a metodologia do GARS ( Groupe Aixois de Recherche en Syntaxe ) dirigido pela Prof. Claire Blanche-Benveniste.

## EXEMPLOS DE UMA INVESTIGAÇÃO

### 1

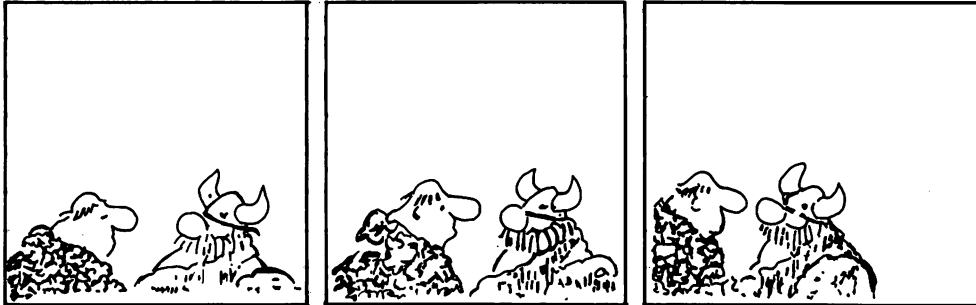
#### INTRODUÇÃO

Para serem indicadas as características gerais da oralidade, será vantajoso considerarmos a escrita. Não porque oral e escrita sejam sistemas opostos; cada um exerce determinadas funções na sociedade em que coexistem. No entanto, uma certa reflexão oral-escrita poderá trazer vantagens de um ponto de vista metodológico.

Não será de subestimar o valor da escrita ao ser investida de uma significação tão importante como o advento da História, como também não poderá ser negado o seu prestígio que tem sobrelevado o valor da oralidade.

Com a evolução dos estudos sobre linguagem, com o desenvolvimento de meios tecnológicos audiovisuais, na pedagogia que utiliza esses meios audiovisuais, a oralidade adquiriu uma importância que chegou a ser exagerada; pensamos que hoje se tenta estabelecer um equilíbrio entre oral e escrita.

Teremos de concordar com Jakobson ao afirmar que a comunicação é primeiro oral e posteriormente, escrita. Ela surge do ponto de vista biológico, primeiro com o *homo loquens* e só mais tarde com o *homo scribens*. Oral-Escrita duas formas de comunicação que convirá analisar, embora só possamos fazê-lo de uma forma sumária por não ser directamente o objectivo desta intervenção.



La Nouvelle

Communication

Hågar Dunor le Viking  
par Dik Browne

Frère Hagar, pour la plupart les maux qui frappent le monde ont pour origine un manque de communication

Et le monde ne s'améliorera pas tant que les gens ne communiqueront pas entre eux

Pour se dire quoi?

“LANGUAGE, IN FACT, IS FAR THAN WORDS AND COMMUNICATION REQUIRES FAR MORE THAN LANGUAGE ALONE”

*Henri lee Junior*

Ó João porque é que será que de quando em vez quase ciclicamente há ...

- I - ... Surgem ondas de superstição  
ondas de medo na população  
medo  
(ou pelo menos)  
credibilidade das bruxas  
feiticeiros  
e/ou  
quejandos
- II - eu parece-me que há vários  
há vários fex  
factores que tentam  
tendem para explicar realmente esta  
este afluxo  
este interesse súbito das pessoas  
das pessoas por estes temas
- III - Sim embora  
embora em  
no  
em países mais avançados  
mais desenvolvidos portanto todos estes fenómenos se registem a um nível mais avançado

## 2

### ORAL ESCRITA

#### Alguns aspectos

Boomfield, linguista da escola estruturalista americana, na esteira dos primeiros estudiosos das línguas ameríndias que reflectiram sobre a ligação língua-cultura, faz uma crítica à prioridade da escrita, concedida pelos linguistas. Segundo Bloomfield, a escrita sobrelevará o oral por haver a ideia generalizada da sua associação ao esforço (para se escrever bem); por outro lado, falar, segundo a ideia generalizada, não exige esforço, estando na linha do natural, do efémero, do mais ambíguo. Este autor chama a atenção para o facto de os estudiosos se dedicarem mais à reflexão e estudo sobre a escrita, visto que esta é considerada como algo menos ambíguo que o oral e possui um carácter permanente.

É claro que o problema da «permanência» da escrita se coloca a um mesmo nível do registo oral. O desenvolvimento da técnica veio possibilitar, com as gravações, os vídeos, etc., o «arquivo» e «manuseamento» do oral.

Oral e escrita serão opostos? Pessoas que não tiveram contacto com o código escrito e com a aprendizagem da língua numa perspectiva metalinguística, não deixam de comunicar. Na verdade, os chamados analfabetos podem não saber o que é uma conjugação, o que significa concordância de género, número e pessoa, por exemplo no sistema de verbos, mas utilizam esse sistema e comunicam.

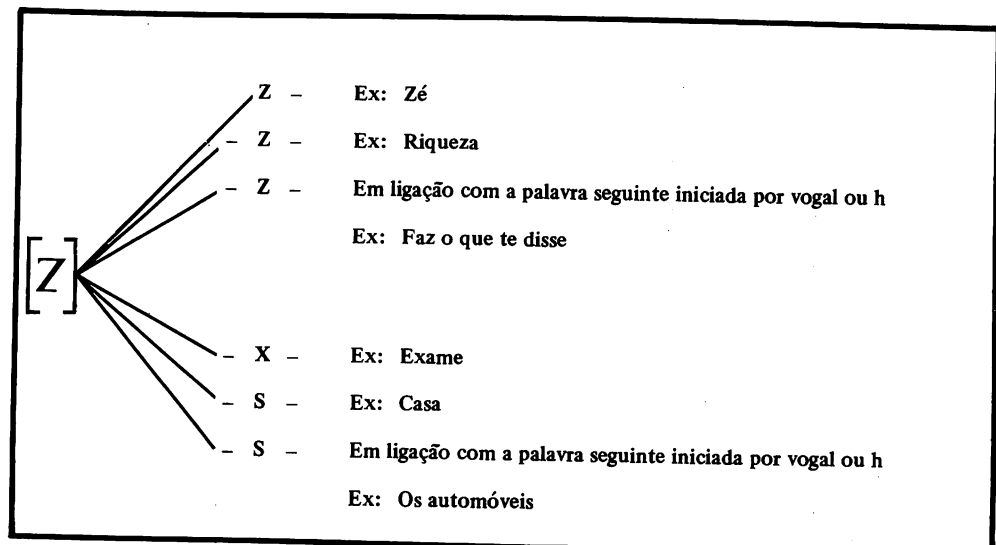
Oral e escrita serão, portanto, duas formas de comunicação diferentes, utilizadas em diferentes situações. Para conhecer a escrita é necessário, no entanto, passar por um processo de aprendizagem de tipo escolar mais ou menos informal.

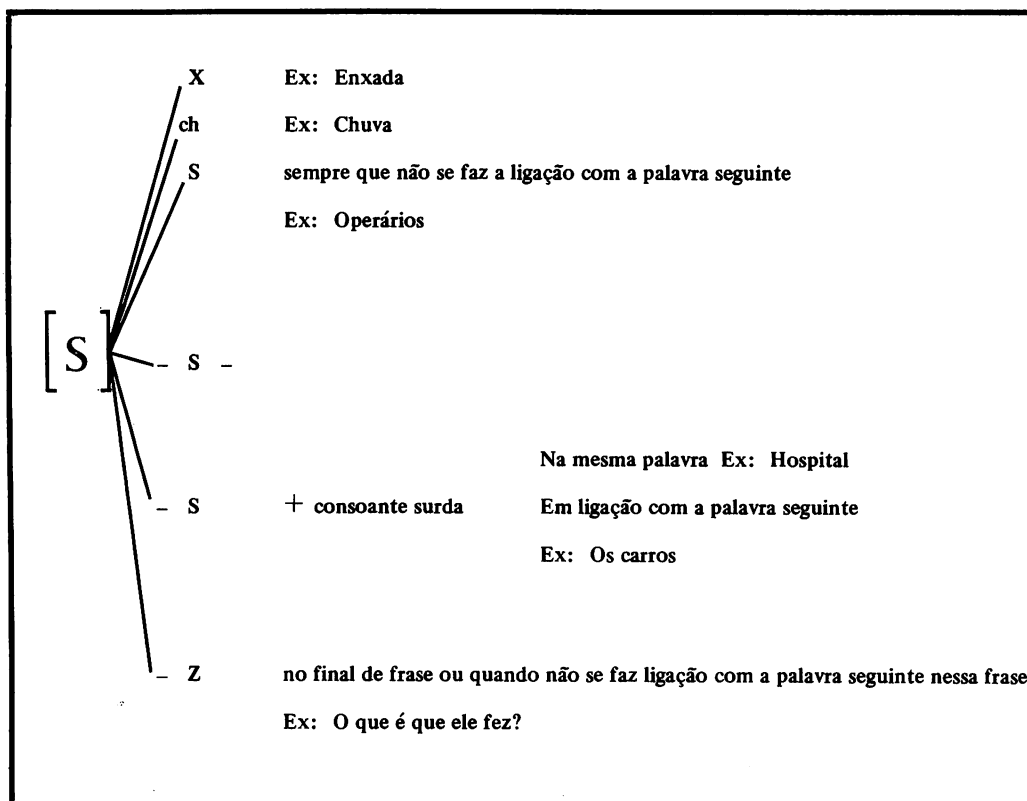
Um dos primeiros problemas que se põe, no contacto inicial com a escrita, é o da segmentação da cadeia falada, uma vez que será pela escrita que se poderá observar directamente uma fronteira visível entre as palavras; este aspecto está também ligado ao problema da correspondência entre som e grafia.

Poderemos, por uma questão metodológica considerar 3 níveis:

### O nível fonológico

Por exemplo, no caso da língua portuguesa, como no de muitas outras, não podemos falar de uma correspondência unívoca fonema-grafema. Para tal, observe-se apenas exemplos dos fonemas e na nossa língua:





Oral e escrita não se podem reduzir aos aspectos fonológicos e gramafático e esta não correspondência som-grafia vai prender-se essencialmente com problemas de ortografia.

Há que considerar a nível de som e de grafia, variantes, além de termos em conta outros dois níveis:

— A nível sintáctico, as diferenças oral-escrita não são grandes. Pela observação de descrições já realizadas e pela investigação por nós efectuada, sobre o oral, casos como por exemplo a posição dos pronomes nas suas formas clíticas, a existência largamente marcada de elementos fáticos e toda a problemática que se possa desenvolver à volta do que é interpretado normalmente como simples repetições, «lapsos», elisões, redundâncias, etc., não é suficiente para constituir uma gramática própria da oralidade.

Todos nós conhecemos situações de oral solene, como de escrita familiar, por exemplo.

Poderemos falar, antes, de uma certa «norma» aceite numa determinada situação de interacção directa.

— A nível semântico, a ideia que durante muito tempo prevaleceu segundo a qual o nível de língua mais elevado estaria ligado à escrita, é hoje posta de lado.

Na verdade é a situação de comunicação (incluindo factores de ordem sociológica, psicológica, económica, cultural, etc. que estão na base de uma escolha lexical), que implica registos de língua diferentes, tanto no caso do oral como no da escrita.

Estas situações de comunicação utilizando oral ou escrita podem estar directamente relacionadas com o tempo e o espaço objectivos da emissão e recepção.

A título exemplificativo, podemos apresentar o seguinte quadro:

	MESMO TEMPO		TEMPO DIFERENTE	
	ORAL	ESCRITA	ORAL	ESCRITA
MESMO ESPAÇO	interacção face-a-face, em presença	professor a escrever no quadro	narração de um acontecimento (acidente, por ex.)	sobre suporte fixo, não deslocado (convocação de greve nas paredes, por ex.)
OUTRO ESPAÇO	conversa ao telefone emissão de rádio/TV em directo	telegrama telex	emissão de rádio/TV em diferido respondedor telefónico automático	sobre suporte móvel deslocado (livro, jornal, etc.)

NOTA: esquema adaptado de "L'écrit et les écrits: problèmes d'analyse et considérations didactiques" (vd. bibliografia)

Podemos, portanto, observar pelo quadro, que oral e escrita são formas de comunicação diferentes, de acordo com situações inscritas no espaço e no tempo, por exemplo.

Será útil recorrermos ainda, neste caso, ao problema do analfabetismo. Na campanha efectuada no México, foram observadas situações em que a escrita funcionava como mero repositório de regras de boa educação a ela associadas, sendo a informação (no sentido de algo que é trazido de novo) passada paralelamente: assim, por exemplo, são referidos casos em que os analfabetizados escrevem da prisão aos seus familiares uma carta com todas as fórmulas clássicas de boa educação e pedem ao portador, oralmente: «quando entregar, peça as minhas camisas».

Oral e escrita funcionam, assim, de acordo com o estatuto que lhes é conferido pelos seus utentes.

Há, no entanto, que considerar, como acima já foi abordado, factores sociolinguísticos que vão influir quer na oral, quer na escrita.

A sociolinguística fornece-nos uma série de factores determinantes na significação social dos comportamentos verbais.

«A realização de discurso, sempre específica em função de contexto, depende essencialmente de factores, tais como:

- características sociais do locutor/auditor (idade, sexo, estatuto social, actividade profissional, pertença étnica, etc);
- rotinas diárias de interacção movidas por necessidades físicas, psíquicas e sociais e também intenções de comunicação com os locutores/auditores por ex.: as normas

- sociais e actualização do saber que se tornam efectivas no decurso das interacções; os processos de compreensão de si mesmo ou do outro; tipos de intenções comunicativas na base de necessidades específicas, como levar alguém a uma acção determinada, informar alguém ou querer convencê-lo, desculpar-se ou justificar-se, etc.);
- características da variedade de língua utilizada (língua standard, dialecto, sociolecto) e da sua organização interna em actos de discursos concretos (a sua forma fonética e gramática, a sua função comunicativa e o efeito de orientação da acção);
- contexto de emprego da língua (lugar, momento e situação das expressões verbais, constelação da interacção verbal e das pessoas que nela estão implicadas, tipo de situação de discurso (formal ou «constrangido» vs. informal ou sem constrangimento), influência de pessoas presentes como auditores;
- opinião dos locutores/auditores a propósito da língua (apreciação inconsciente do comportamento linguístico pessoal e do de outras pessoas; avaliação social de comportamentos verbais que têm consequências na própria acção).»

DITTMAR, N. – Wildgen, W. – “Variation linguistique et contexte social”

Toda a problemática exposta nos números anteriores leva-nos a uma certa reflexão sobre o estatuto conferido à oralidade e à escrita.

No entanto, a palavra escrita ficou muito tempo ligada ao prestígio, à «cultura» (é claro que no sentido académico do termo). O facto é que cada vez mais se acentua a atenção prestada ao estudo das raízes de um povo quer através da sua literatura tradicional oral, de etnotextos recolhidos *in loco*, quer do estudo do tipo de leitura de objectos e de sinais que rodeiam as camadas de população ainda não alfabetizada. Tudo nos leva à certeza de que as palavras na escrita ou na oral desempenham funções diferentes na comunicação e que o registo de língua em que são realizadas está intimamente ligado a aspectos sociológicos já mencionados anteriormente.

Assim, vamos encontrar modelos de estrutura sintáctica em contos tradicionais para crianças que têm a sua correspondência nas revistas de banda desenhada dos modernos «heróis».

Apenas a título de curiosidade vejamos os seguintes exemplos:

1.*	Encarcerado	nos últimos subterrâneos da Torre	Famoso	vivia	isolado e esquecido
2.*	Disparado	ainda bebé do planeta de Krypton	a bordo de um foguete	Kal-El	criou-se na Terra
3.*	A polícia	decidiu usar	cães	para	acabar com os criminosos
4.*	O jovem	mandou percorrer	toda a cidade	a fim de	ver se encontrava a dama ...

1.\* – “A Princesa dos Cabelos de Ouro”, Col. Encantada, LEPSA, São Paulo, 1955

2.\* – “Superman nº 27” (edição portuguesa)

3.\* – “A Gata Borracheira”, op. cit.

4.\* – “A Pantera Cor de Rosa nº 2” (edição portuguesa)

Muitos outros exemplos poderiam ser igualmente citados; é curioso verificar que embora, por vezes, pareça existirem diferenças a nível das funções sintácticas, estas são compensadas. Por exemplo, o maior número de modalizações e complementos circunstanciais no ex. 2, é compensado pela maior utilização de atributos no ex. 1.

Outro caso que poderia ser referido é o da existência de uma chamada «literatura de cordel» muito bem escrita, sem quaisquer incorrecções a nível gramatical e que se coloca no âmbito das narrativas orais e onde existe uma interacção directa entre os personagens.

Não parece nada estranho, a quem se lembra de ter ouvido contar estas histórias ou quem as conta a seus filhos agora, a utilização de um tipo de oral como o dos exemplos acima mencionados, sendo a situação extraordinária dos personagens que, essencialmente, exige um registo de língua diferente daquele que utilizamos em conversas sobre aspectos vulgares do nosso quotidiano.

As próprias crianças têm consciência da existência de diferentes registos quer de língua oral, quer de escrita e, embora não sejam capazes, por vezes, de os utilizar, no entanto, sabem reconhecê-los. Neste sentido, foi efectuada uma investigação em que a autora colaborou, cujos resultados constam de um relatório enviado pelo grupo GARS orientado pela Prof<sup>a</sup> Claire Blanche - Benveniste ao Ministério da Educação Francês, em 1980. Nesse relatório é demonstrado o conhecimento, por parte de crianças emigrantes, de vários registos de língua em francês escrito.

Embora a escrita esteja ligada a uma certa ideia de superioridade, há autores que assim não pensam. A frase de David Abercrombie "*We speak with our vocal organs but we converse with our entire body*" está ligada à importância de elementos paralinguísticos como determinados gestos (abandar da cabeça) controláveis durante a interacção comunicativa, elementos não vocais, igualmente, mas não controláveis durante a interacção tais como o modo de estar vestido, a tosse que surge, que se inscrevem nos aspectos extralinguísticos da interacção. Neste sentido, são importantes os estudos desenvolvidos por novas ciências como a Proxémica, a Cinésica, etc.

Mensagem escrita corresponderia, então, como redução do oral, à seguinte fórmula:

Mensagem escrita = Mensagem oral - X.	em que
---------------------------------------	--------

X = 1) elementos linguísticos - traços supra-segmentais:  
(tais como a entoação, o ritmo, a intensidade ...)  
realização de fonemas identificadores de:

- classe etária
- sexo
- pronúncia regional
- sintomas psicológicos e somáticos
- prosódia

2) elementos paralinguísticos controláveis durante a interacção conversacional e extralinguísticos não controláveis durante a interacção

3) Proxémica (manifestações de aproximação/afastamento do interlocutor)

Por outro lado, a escrita, reduzindo de certo modo o interlocutor, dá lugar ao texto e à sua composição. Elementos como a caligrafia, a pontuação, a paginação (jornais, por ex.), a impressão com a utilização de cor, tamanho do texto, corpo de caracteres, etc. poderão «compensar» os aspectos existentes numa interacção directa.

Portanto, mais uma vez comprovamos que não poderemos afirmar que o oral tenha um carácter de inferioridade, assim como não poderemos dizer que a escrita seja uma mera redução do oral. Cada um tem as suas características e preenche funções diferentes e não são, de facto, opostos.

O que não podemos é impedir a emissão de juízos de valor dos interlocutores sobre as produções orais ou escritas. Lembremos, a propósito a ideia de «mercado linguístico», de Pierre Bourdieu, segundo o qual as produções verbais são produtos de um mercado em que aquele que fala é cotado como possível marido, empregado, etc. Assim como P. Bourdieu, W. Labov afirma que a comunidade linguística no seu conjunto está unificada por um conjunto de normas de avaliação que atribuem ou não aos traços linguísticos um certo prestígio social.

### 3 DISCURSO ORAL

#### Exemplos de uma investigação

Não sendo nossa intenção apresentar, através de uma simples leitura, as características fundamentais do oral (vd. documento entregue a ser discutido) preferimos focar alguns aspectos abordados anteriormente e comentar exemplos concretos da nossa investigação em curso.

Os exemplos seleccionados foram colhidos na rádio propositadamente para que possamos observar algumas características específicas do oral, sem, no entanto, entrarmos no domínio do discurso áudio a que simultaneamente pertencem estes textos, mas cuja problemática será abordada na intervenção que se segue.

Considerando a tipologia (lato senso) do oral:

- oral espontâneo
- oral preparado
- escrito oralizado

não estamos a atender tanto à recepção, mas essencialmente à sua emissão.

Os exemplos que vamos apresentar não correspondem ao terceiro caso da tipologia enunciada — o escrito oralizado — que nos parece que terá de ser o privilegiado em emissões de ensino a distância (este aspecto é abordado por outros colegas), mas integram-se nos outros casos.

Exemplo 1 — “O Curandeiro” —

A situação de produção verbal é um pouco particular; trata-se de um adolescente de cerca de 12 anos que, por sua livre vontade, telefona para um programa de rádio para nele participar, contando a história apresentada.

É curioso verificar a organização do discurso oral que é posta em evidência por esta técnica de disposição do texto produzido, de acordo com a sua análise morfo-sintáctica. Trata-se de um texto apresentado na sua totalidade.

As linhas horizontais correspondem a uma mudança de unidade sintáctica, já que todo o texto apresenta uma mesma unidade temática.

Podemos observar que o essencial da história possui a mesma estrutura sintáctica (II), havendo a introdução de um elemento (“a voz do vizinho”) que aparece na estrutura (II) em posição post-verbal; nota-se, assim uma correspondência entre a estrutura sintáctica e o enunciado da narração.

Se lêssemos a transcrição desta produção, não nos aperceberíamos da organização do discurso oral, que, neste caso, é quase perfeitamente simétrico. A estrutura (I) serve de introdução e apresentação da narração, assim como de final, numa forma mais reduzida lexicalmente.

Não nos cabe aqui fazer uma análise pormenorizada do texto, mas será interessante verificarmos a posição paradigmática ocupada pelos conectores, assim como será importante ter em atenção o posicionamento dos pronomes-sujeito e complemento.

Os tipos de configuração de discurso oral, as simetrias, as quebras de unidade sintáctica, o posicionamento dos elementos em relação ao verbo construtor, a existência ou não de modalizadores, os pronomes, são aspectos a ter em consideração num discurso oral de ensino a distância que se pretende eficaz nos seus efeitos.

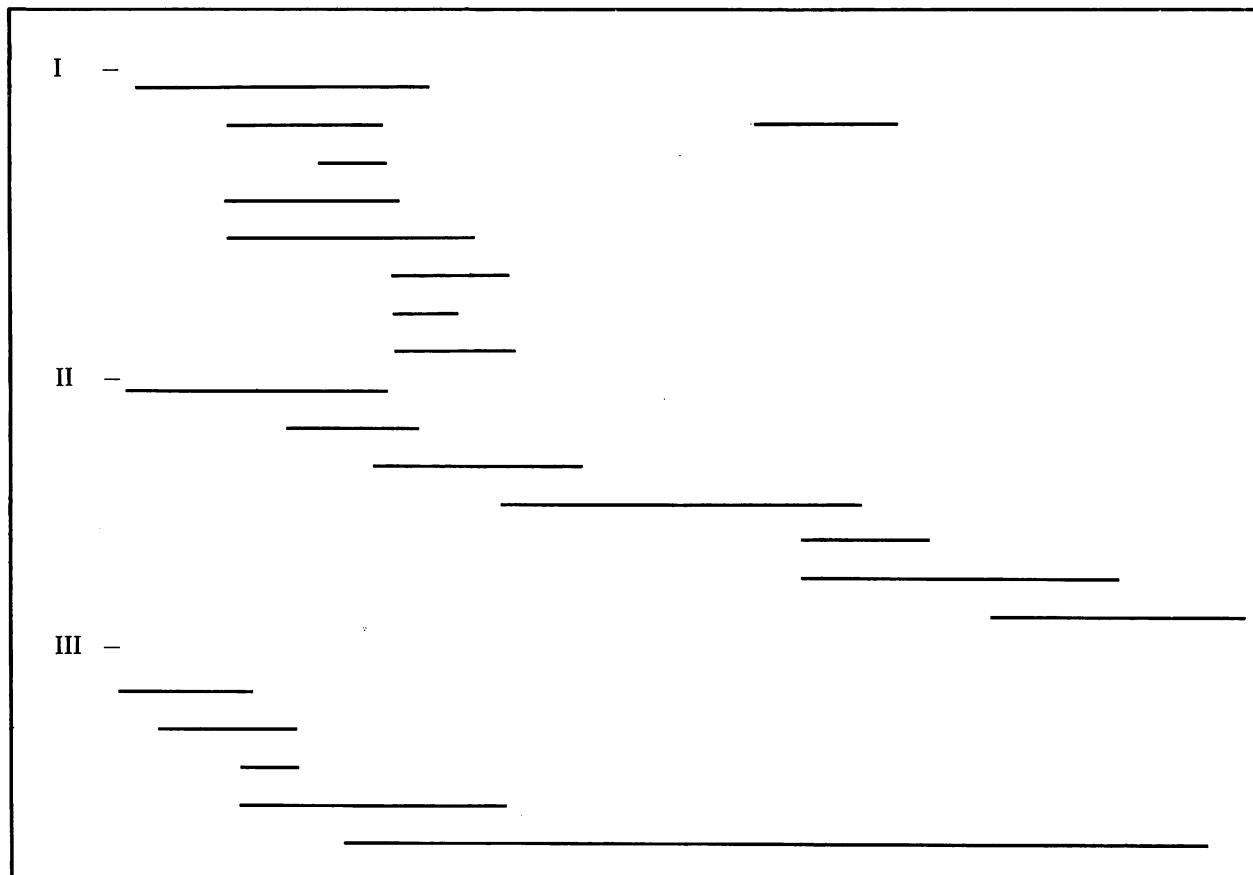
"CURANDEIRO"						
bem	é	uma	senhora	que	foi e dizia	a um curandeiro  que uma alma (a) andava a perseguir que era a alma do vizinho
<hr/>						
e então		ela			foi	ao curandeiro
		e o curandeiro		lá a	benzeu	muito chorosa
		e ela			fez	umas coisas
					desmaiou	
<hr/>						
e então				começou-se a	ouvir a voz do	vizinho a dizer
					a	para ela ir para o pé dele
					chamá-la	
<hr/>						
e depois passado um momento		o curandeiro			benzeu-a	na cabeça
		e ela		começou	a	voltar a si
<hr/>						
e	é	só	assim			

#### Exemplo 2 – "Bruxas" –

Neste exemplo, 2 jornalistas que já se conhecem (vd. forma de tratamento no início), encontram-se numa situação de entrevista informal. A leitura da transcrição oral deste texto tornar-se-ia insuportável, mas existe, de facto, uma organização do discurso que está bem à vista através desta técnica de análise. A existência de dois interlocutores é apenas dada a conhecer pelo vocativo ("O João"); é evidente que do ponto de vista de recepção, enquanto auditores, dar-nos-íamos conta, sempre, da mudança de voz; queremos apenas chamar a atenção para o facto de que poderá existir o fenómeno de locutor colectivo, cujo discurso é o desenvolvimento da produção dos discursos de vários locutores; poderá, precisamente, convir, em situação de ensino a distância, a utilização de um locutor colectivo no desenvolvimento de uma temática, apenas quebrando a monotonia, a diferenciação de vozes; noutros casos, será o contrário. Pensemos que aspectos como este deverão ser cuidadosamente estudados antes de uma emissão.

Neste exemplo, temos o caso de pergunta-resposta. A configuração do discurso é semelhante nos dois casos: há uma produção «em escada», com desenvolvimento para a direita.

Esquemáticamente, poderíamos representar as três unidades sintáticas apresentadas, da seguinte forma:



Sem desejarmos entrar em pormenores, gostaríamos de chamar a atenção para este tipo de produção que normalmente é considerada como “*lapsus*”, repetições, procura de pensamento. De um ponto de vista sintático não é feito qualquer tipo de interpretação numa linha psicologizante. O que observamos é a produção de unidades sintáticas que vão sendo acrescentadas de novos elementos, até se completar no final dessas unidades, o que nos dá a ideia de «escada».

A configuração «em escada», evitando, evidentemente determinadas hesitações, poderá ser a apropriada, em casos de apresentação de nova matéria, por exemplo. Na verdade esta configuração corresponderá ao retomar do que já foi enunciado, anteriormente, havendo sempre um desenvolvimento no sentido de acrescentamento de informação.

A utilização de formas enfáticas poderá igualmente ser ou não útil, de acordo com a intenção pedagógica que se tem em vista.

No caso da segunda unidade de estrutura sintática, ainda em «escada», podemos observar a importância da modalização dos dois verbos que poderemos considerar a nível de construtores da unidade sintagmática (“há” existencial e “explicar”). O desejo de distanciamento do locutor em relação ao seu próprio discurso é notório pela utilização da forma modalizante de /haver/, — “eu parece-me” — que surge logo no início da frase, portanto, topicalizada; por outro lado, também o verbo (explicar) é modalizado por «tentam/tendem para».

Já na terceira unidade sintática a asserção é evidente, não se colocando já o locutor na situação de afastamento.

## ORAL

## 4

## Uma outra gramática?

Não cabe aqui, como aliás já anteriormente foi referido, nem pretender analisar estes textos, nem tão-pouco entrar numa terminologia específica que retiraria a inteligibilidade do texto que lhe é conferida por esta técnica de análise morfo-sintáctica. Julgamos, todavia, que podemos partir de uma base de descrição da língua para conhecimento do seu funcionamento e para hipóteses e estudos ligados à pragmática, à lógica, à sociolinguística, por exemplo, para utilização no campo da pedagogia do ensino.

Pudemos observar, através dos exemplos, a organização dos textos orais. No entanto, a ideia generalizada é a de que o oral não exige esforço, é desorganizado, que se trata de uma forma inferior de comunicação; associa-se muitas vezes oral com registo de língua familiar ou mesmo popular, no sentido de conter vocabulário de calão.

Todos estes preconceitos e outros são facilmente postos em causa quando se tenta apresentar os textos com esta técnica, de acordo com as formas morfo-sintácticas produzidas, organizadas de acordo com a posição que ocupam no discurso. Vemos, assim, que existe uma organização na produção do discurso oral, que não se trata de uma forma inferior ou superior de comunicação, mas de uma forma a utilizar em determinadas situações; nos dois casos apresentados, temos um registo de língua que tende já para um tipo de linguagem cuidada, como seria de esperar num contexto situacional como os que foram referidos.

Pelos exemplos observados e pelo que ficou anteriormente dito, pensamos que a oralidade em português não poderá constituir uma gramática completamente diferenciada da escrita. O que podemos afirmar neste momento, com certeza, é que o problema parece centrar-se nos registos de língua, havendo um oral solene assim como há uma escrita familiar.

Só o desenvolvimento destes estudos nos poderão ajudar a chegar a uma conclusão definitiva, no caso do português.

**Algumas conclusões/reflexões**

Gostaríamos que tivesse ficado claro que o oral tem uma utilização específica, que não tem que se opor à escrita, a qual, por sua vez, preencherá outras funções.

Também gostaríamos que tivesse ficado claro que o oral e escrita têm um estatuto que lhes é conferido pelo registo de língua em que são realizados em determinada situação.

Pudemos observar que estudos que estão a ser efectuados sobre discurso oral, quer em interacção directa, quer através de meios de comunicação de massa como a rádio, poderão servir de base de reflexão para um uso mais consciente das suas diferentes formas, em ensino.

Por exemplo, a mudança de unidade sintáctica poderá funcionar como elemento catalizador de atenção, além de poder representar mudança de tema; a existência de elementos fáticos é importante, tendo de ser equacionada a sua posição no discurso, assim como as suas formas e a sua frequência; qualquer tipo de modalização poderá ser importante, na relação que estabelece entre o locutor/emissor e o seu próprio discurso (distanciamento, certeza, etc.); a topicalização de determinados elementos (nomes, complementos mais ou menos directamente construídos pelo verbo) poderá ser de grande importância no relevo que se pretende dar a determinado aspecto de temática a tratar; importante será igual-

mente o posicionamento de locativos de espaço e de tempo, a consciência da utilização de falsas subordinadas, o valor das construções exigidas directamente pelo verbo, o cuidado na utilização dos pronomes para que não haja ambiguidades; a escolha lexical adquire também uma importância fulcral em vários aspectos: como é feita a sua circulação através do discurso, a necessidade de uma certa redundância no discurso oral e o registo de língua a que corresponde a sua selecção ...

Muitos outros aspectos terão ficado por abordar. Esperamos, no entanto, que a nossa investigação em curso venha a ser de grande utilidade na consciencialização do tipo de configuração de texto mais adequado, a ser utilizado em situação de ensino, por exemplo a distância. ●

●

#### MARIA BELMIRA DE ATAÍDE RODRIGUES DIAS

Colaboradora no IPED, no domínio da investigação, Núcleo de Linguística da F.C.S.H. da Universidade Nova – formação de professores a diversos níveis e ensino de Linguística Geral e Linguística Portuguesa. Colaboradora no Centro de Formação da RTP. Tese de doutoramento, em preparação, sobre o discurso oral em Português nos meios de Comunicação Social, em Aix-en-Provence. Leitora na Universidade da Sorbonne, Paris - IV.

●

#### BIBLIOGRAFIA

- “Alguns apontamentos sobre problemas práticos da técnica de alfabetização segundo Paulo Freire”, documento elaborado por Maria Belmira de Ataíde R. Dias, D.G.E.A., 1975 (reformulado em 1981).
- ALMASY, Paul – *La photographie, moyen d'information*, Tema – Editions, Paris, 1975.
- DITTMAR, Norbert e Wildgen, W. – “Variation linguistique et contexte social” in *Le langage en contexte* (vol. vii), John Benjamins, B. V., Amsterdam, 1982.
- GARS (Groupe de Recherche en Syntaxe) – *Recherche sur le français parlé*, Université de Provence, n<sup>o</sup> 2, 1979; n<sup>o</sup> 3, 1981.
- MARTINS-BALTAR, M.; BOURGAIN, M.; COSTE, D.; FERENEZI, V.; MOCHET, M. A. – *L'écrit et les écrits: problèmes d'analyse et considérations didactiques*, C.R.E.D.I.F. – E. S. St. Cloud, C.C.C. du conseil de l'Europe, 1979.